

Prof. Doutor Pedro Sequeira  
Presidente da Confederação de Treinadores de Portugal, UIIPS, CIEQV



## Ser Treinador, uma Profissão com Presente e Futuro

Nunca é fácil prepararmos este tipo de conferências, quando são sobre temas que nos agradam, o que é o caso. Havia muitas formas de lhe pegar. Vou tentar pegar neste tema da forma mais simples que conseguir, acima de tudo para que dê luz aos alunos aqui presentes e que trabalham nesta área, seja diretamente como treinadores, seja na área do desporto em termos gerais e, de certa forma, possa auxiliar no seu percurso. Aliás, o último *slide* da conferência tem um resumo, ou as principais ideias.

Porém, para falar sobre isto, terei de falar sobre os treinadores.

Sem roubar direitos de propriedade ao treinador José Mourinho, também considero que ser treinador é ser algo especial. Gosto bastante das imagens dos treinadores do desporto e da tática, como é o caso da colega que está ali atrás da atleta, porque são sempre imagens que demonstram a forma como os treinadores devem lidar com os seus atletas. Ainda mais nesta especificidade, e durante a minha conferência, falarei mais sobre esta área, esta profissão. Isto para dizer que esta é uma razão para se querer ser treinador. De facto, ser treinador é especial porque envolve muito mais do que aquilo que normalmente a comunicação social apresenta sobre os treinadores.

Mas, apesar das minhas funções enquanto Presidente da Confederação de Treinadores, há algo que para nós é claro, sempre a pessoa mais importante no desporto é o atleta. Estamos a falar no desporto. Se estivéssemos a falar de educação física, diria que a pessoa mais importante na escola é o aluno. No treino, é o atleta. Essa é que é a pessoa importante, que merece as fotografias, dar os autógrafos, que merece aparecer e falar. Defendo isto e tudo o que possamos fazer pelos treinadores é para que os atletas possam ser sempre melhores. Daí, querer também dizer que, na profissão de treinador, o bom treinador é aquele que tem sempre esta preocupação e que sabe que, de facto, este é o seu desafio para o resto da vida.

Convém não esquecer, quando falamos para outras pessoas que não são treinadores, que por detrás de cada atleta há sempre um treinador. Seja ou não seja importante, seja ou não uma figura mediática, ele tem sempre um papel determinante para que aquele atleta tenha aquele desempenho, seja ele qual for. Quer ganhe uma

medalha olímpica ou seja o último classificado numa prova distrital. Há sempre esta figura que está por de trás e que apoia naquilo que é importante.

Desde a década de 70, dos registos que conheço – e, por, ventura, os colegas mais antigos poderão dizer se será ou não anterior a isso – que os treinadores das diversas modalidades lutavam para que a profissão fosse reconhecida legalmente pelo Estado português. Se fizermos as contas, para terem uma ideia, eu nasci em 71, por isso digo que não fiz parte dessa guerra, mas, quando comecei a ser treinador, foi sempre algo que me fascinou, essa a preocupação que os meus colegas mais antigos tinham. E eu questionava-me, porque se eu já era treinador, porque era aquilo importante? De facto, é importante, porque uma coisa é o reconhecimento por parte da sociedade, de que falaremos ainda hoje. É o mais importante, é o sermos reconhecidos pela sociedade. Outra questão é que, por muito que sejamos reconhecidos pela sociedade, se o quadro legal do nosso país, ou da Europa ou do mundo, não reconhecer esta profissão como reconhece a profissão de cabeleireiro, de carpinteiro, de engenheiro, arquiteto, etc., é difícil o treinador poder evoluir.

Um dos aspetos que mais me satisfaz, enquanto Presidente da Confederação de Treinadores, mas também como professor e como “vulgo” treinador, é que esta é das leis, independentemente de o partido no Poder ser verde, amarelo, azul, cor-de-rosa, que todos quiseram que evoluíssem. Portanto, tivemos um decreto-lei em 2008 e, quatro anos depois, já com outro governo, passou de decreto-lei para lei, evoluiu. O decreto-lei já era histórico, como lei ainda se tornou mais. Obviamente, que tenho expectativas de que nos próximos dez, quinze, vinte, duzentos anos, a lei se mantenha e que torne os treinadores cada vez mais fortes. Isto para dizer que, a partir desta data, passou a ser legislado.

Para os alunos desta instituição isto é especialmente importante porque a vossa instituição tem uma visão estratégica de pedir à tutela que creditasse os vossos cursos para as diferentes modalidades. Isso permite uma abertura ainda maior. Vocês estão no Ensino Universitário e por isso têm também acesso à profissão de professor de educação física, se quiserem seguir essa via, têm acesso à via dos treinadores e às outras áreas desportivas. É, portanto, uma mais-valia que esta instituição vos dá.

Relativamente à lei, tenho três ou quatro questões que acho interessantes e que considero determinantes nos dias de hoje. Como sabem, existe um plano da ética para o desporto e é interessante que a própria lei defina que a primeira grande preocupação que todos nós, treinadores, devemos ter, quer seja na formação, na alta competição, ou no desporto olímpico, é a questão da promoção da ética desportiva e do desenvolvimento do espírito desportivo. Claro que, depois, também aparecem as questões relacionadas com os atletas. Mas, também aqui, e em termos gerais, gostava de destacar a defesa da saúde e da segurança dos praticantes, tal e qual como a educação física desde sempre defende nas suas finalidades; a valorização a nível desportivo e pessoal, quer quando orientados para a condição desportiva, quer quando orientados para a participação nas demais atividades desportivas. Como podem verificar, quer venham ou não a ser treinadores, se encaixam aqui. Isto significa que a própria lei se preocupa com esta questão. Poderíamos tirar dali a palavra

a distrital. Há sempre esta  
ortante.

é, por, ventura, os colegas  
que os treinadores das  
reconhecida legalmente  
uma ideia, eu nasci em 71,  
o comecei a ser treinador,  
e os meus colegas mais  
einador, porque era aquilo  
reconhecimento por parte  
ortante, é o sermos reco-  
que sejamos reconhecidos  
Europa ou do mundo, não  
abeleireiro, de carpinteiro,  
coluir.

Presidente da Confederação  
go" treinador, é que esta é  
rde, amarelo, azul, cor-de-  
os um decreto-lei em 2008  
creto-lei para lei, evoluiu.  
is. Obviamente, que tenho  
entos anos, a lei se mante-  
ira dizer que, a partir desta

importante porque a vossa  
creditasse os vossos cur-  
ertura ainda maior. Vocês  
so à profissão de professor  
so à via dos treinadores e  
ue esta instituição vos dá.  
e acho interessantes e que  
, existe um plano da ética  
e a primeira grande preo-  
seja na formação, na alta  
noção da ética desportiva  
lepois, também aparecem  
aqui, e em termos gerais,  
dos praticantes, tal e qual  
inalidades; a valorização a  
condição desportiva, quer  
dades desportivas. Como  
encaixam aqui. Isto signi-  
eríamos tirar dali a palavra

"treinador" e colocar a palavra "professor", ou "pai", ou "mãe", e seria exatamente igual. O que me parece ser uma mais-valia da valorização que nos estão a fazer.

Depois aparecem as questões mais específicas relacionadas com o treinador. A questão dos instrumentos, da intervenção desportiva, dos conhecimentos.

É interessante que na alínea f do artigo 2.º da Lei n.º 40/2012 de 28 de agosto diga o seguinte: "Contribuir para o reconhecimento público da importância social do exercício da atividade e da posição de treinador de desporto". Podemos ter uma lei muito boa, seja em que área for, mas cabe à população, à sociedade, reconhecer que aquela profissão é útil. Se a lei não existisse seria mais difícil, mas, mesmo existindo, isso não é suficiente. Precisamos de conseguir, através da nossa forma de estar e da nossa atitude, transpor para esse efeito.

Costumo dizer que o aspeto determinante é que o professor de qualquer unidade curricular, seja anatomofisiologia, estatística, andebol, basquetebol, etc., tem de conseguir transmitir o saber ao aluno. Pode ser o melhor aluno, provavelmente há aqui alunos que podem ser melhores do que qualquer treinador que conheçam, mas a questão é como conseguem, por parte dos pais, por parte da sociedade, transpor esse reconhecimento. Se todos conseguirem fazer isso, tornam de facto o reconhecimento do treinador em algo importante. Que é o que prevejo estar a acontecer. Depois deixarei aqui algumas das minhas ideias.

No fundo, o que pergunto aos treinadores, e deixo aqui a reflexão, é que de facto temos uma lei, mas será que já percebemos que somos nós que temos de trabalhar para que se atinja o que os treinadores precisam? Se ficarmos impávidos e serenos à espera que alguém defenda os nossos interesses, isso não vai acontecer. Quem é do futebol sabe perfeitamente, e infelizmente mais do que nas outras modalidades, que se hoje tenho um grande resultado, amanhã já posso ser despedido. Até posso ser simpático, que não fará diferença.

Portanto, cabe ao treinador criar dentro dele a capacidade de reagir a isso e ultrapassá-lo. Como sabem, há muitos treinadores, de várias modalidades, que hoje terminam o trabalho com um clube e amanhã vão trabalhar para outro e não há problema nenhum. Se for preciso, estão na alta competição e vão para a formação, ou fazem um período de sabática e vão fazer estágio com um colega para aprenderem mais. Não há qualquer tipo de problema. Cabe ao treinador tomar essa decisão e não pedir ao empresário que lhe arranje um clube que lhe resolva a vida porque não sabe o que há de fazer.

Ora bem, estamos na parte da decisão. Primeiro, tenho de decidir se quero ser treinador. Normalmente, a maior parte de nós decidiu que ia ser treinador porque de facto é aquilo de que gostamos. É o que sentimos como nossa vocação, tal como os professores também sentem essa necessidade, essa vontade, esse desejo.

A outra questão é a oportunidade. Posso começar na formação, porque é a oportunidade que nós tenho. Pode acontecer ter condições não muito boas e ter de trabalhar ao ar livre. Ou posso ver no desporto adaptado algo onde me revejo mais. Ou, finalmente, chegar ao alto rendimento como o João Ganso chegou e continua a estar com o Néilson Évora.

Portanto, posso querer aquilo, há um caminho a percorrer. Devo olhar para as oportunidades e perceber se aquilo se enquadra dentro do percurso que pretendo fazer. Mas também posso decidir ficar lá. Há muitos que decidem ficar e não querem chegar ao alto rendimento, ou porque se reveem muito mais noutras áreas, ou porque aí é que encontram as oportunidades.

Dentro do pouco tempo que tenho, não terei possibilidade de desenvolver.

O treinador tem muitas competências, vai buscar muitas competências a diversos lados e temos de ter tudo isso em atenção. Ouvir este tipo de conferências, ver na televisão, ir ao estádio ao lado ver o treino de um colega, há muitas áreas onde ir buscar competências, além daquelas que as instituições de ensino superior e os cursos das federações dão aos treinadores.

Gosto de dividir o treinador em duas pessoas. Em termos profissionais, é desta forma que considero que vai acabar por haver um reconhecimento social, que até já há na maior parte dos casos.

O primeiro ponto é este: o treinador é muito mais do que um produto da formação de treinadores. O treinador tem de ter formação e competências para a área específica em que quer treinar. Mas, na verdade, e na maior parte dos casos, é também pai ou mãe, é amigo, é confidente. Muitas vezes passa mais tempo com o atleta do que os pais. Muitas vezes as crianças vão pedir conselhos ao treinador sobre se devem ir para a área de ciências, ou se devem ir para a faculdade, ou se devem continuar a treinar. Primeiro aparece o treinador e depois os pais.

O treinador divide-se sempre nestas duas áreas. E a tendência que temos, principalmente no ensino superior e nas federações, é a de nos preocuparmos muito com a parte da formação curricular. De facto, somos muito bons nisso. Damos aos alunos e aos futuros treinadores as competências daquela área. Mas não nos podemos esquecer de que na área social existem questões que são decisivas.

A outra preocupação é que quando o treinador está no processo de treino, está a preparar as pessoas para a vida. Gosto muito da Rosa Mota porque, e embora haja muitos outros, ela é um excelente exemplo de toda uma vida dedicada ao treino, enquanto atleta, e da extraordinária mulher em que se transformou. Tenho a certeza absoluta, sem nunca ter visto um único treino, que todo o processo em que ela foi construída, tornou-a na pessoa extraordinária e preparada para a vida como o é. Como digo, podia incluir ali um milhão de atletas, que certamente poderão dizer o mesmo. Este é o maior desafio, o de nós pensarmos, enquanto treinadores, se, de facto, quando estamos naquele processo, estamos preocupados com o efeito que ele vai ter no resto da vida do atleta.

"Nélson Évora soube que o seu amigo David Girat estava com alguns problemas físicos e mandou vir de Lisboa uma palmilha com a qual aquele chegou ao 4.º lugar."

([http://www.record.xl.pt/Modalidades/Atletismo/interior.aspx?content\\_id=362987](http://www.record.xl.pt/Modalidades/Atletismo/interior.aspx?content_id=362987) – 1 novembro 2008). Alguns de vocês não sabem, mas o Nélson Évora, por causa do que está ali, ganhou o prémio de *fair play* do Comité Olímpico Internacional. Mais uma vez, considero que foi o treinador que teve esta importância. Quem me contou isto na altura foi o treinador, que achou aquilo espontâneo por parte do Nélson Évora, de ver o seu maior

correr. Devo olhar para as  
do percurso que pretendo  
acidem ficar e não querem  
s noutras áreas, ou porque

dade de desenvolver.

itas competências a diver-  
o tipo de conferências, ver  
ga, há muitas áreas onde  
as de ensino superior e os

rmos profissionais, é desta  
ecimento social, que até já

je um produto da formação  
ências para a área especí-  
e dos casos, é também pai  
tempo com o atleta do que  
treinador sobre se devem  
e, ou se devem continuar a

tendência que temos, prin-  
s preocuparmos muito com  
ons nisso. Damos aos alu-  
rea. Mas não nos podemos  
o decisivas.

no processo de treino, está  
lota porque, e embora haja  
a vida dedicada ao treino,  
nsformou. Tenho a certeza  
o processo em que ela foi  
ada para a vida como o é.  
ertamente poderão dizer o  
quanto treinadores, se, de  
ocupados com o efeito que

tava com alguns problemas  
quele chegou ao 4.º lugar.”  
asp?content\_id=362987 – 1  
on Évora, por causa do que  
Internacional. Mais uma vez,  
m me contou isto na altura foi  
on Évora, de ver o seu maior

adversário com um problema e foi resolver esse problema, mandando vir uma palmilha. Se calhar, outro diria: “Quero lá saber, vai correr-lhe mal e eu é que vou ser campeão!” Estes valores são transmitidos por quem está com ele. Os pais e a escola têm influência, obviamente, mas, no aspeto desportivo, aqui o treinador teve um papel preponderante.

Caminhando para a parte final da minha conferência, gostaria de deixar aqui algumas questões.

A primeira é que é errado acharmos que é igual ser treinador nas diferentes áreas de intervenção, trabalhar com mulheres, trabalhar com crianças, na área do desporto adaptado ou na área do alto rendimento. Há colegas meus que defendem isso, eu não. Defendo que tenho de ter os instrumentos necessários para saber lidar com as diferentes populações. Sou acérrimo defensor de que as instituições de ensino superior e as federações desportivas têm de se adaptar a isto. A formação inicial ou a formação contínua têm de ir buscar estas questões porque são muito importantes no nosso processo, enquanto treinador. Ser treinador de uma equipa de judeus, de árabes, de portugueses, de alemães, tudo isso é fácil, mas quando junto tudo à minha frente, tenho uma diversidade em que tenho de treinar essas competências. Por isso, é fundamental que, na formação inicial e contínua, os treinadores tenham acesso a essas competências, para que sejam cada vez melhores.

Bom, mas o tema essencial era sobre as profissões.

O primeiro ponto que temos atualmente de perceber é que existem muitas modalidades desportivas, com maior ou menor prestígio. Falar de alto rendimento na ginástica rítmica em Portugal é diferente de falar de alto rendimento na natação ou no futebol. Mas há alto rendimento. Na maior parte delas há lazer, há deteção de talentos, há iniciação e há as bases, que são fomentar a modalidade e captar praticantes. Tenho de perceber onde me quero enquadrar, onde quero iniciar a minha carreira, onde é que me sinto mais vocacionado.

Por outro lado, também tenho de dominar – e certamente os meus colegas da gestão ensinam isso nas instituições, e escrevem livros sobre estes assuntos – o facto de que houve aqui uma alteração, que é algo para o qual a nossa Confederação chama a atenção. Hoje em dia, o treinador, além de, como sucedia no meu tempo, poder ser contactado diretamente para ser treinador e combinar o ordenado, também pode criar a sua academia, o seu próprio espaço, havendo assim um enquadramento muito maior do que o que existia há algumas décadas. Como treinador, tenho de ter a visão sobre aquilo que provavelmente será o futuro do treino desportivo e ter a flexibilidade suficiente para me adaptar.

É preciso atenção quando se fala de certas modalidades. Há quem diga que o hóquei em patins está a morrer ou que o futsal está fortíssimo. Parece, vamos ver. Tem de se fazer uma análise para se saber se, de facto, isso está a acontecer, porque modas há muitas. Com certeza, o que sei é que, desde o tempo dos gladiadores, há treinadores e há atletas. Têm muito mais do que dois, ou três ou quatro mil anos. Nessa altura, matava-se o atleta quando ele se portava mal, hoje, graças a Deus, já não se mata, pelo menos não na maior parte dos casos, penso eu... Houve mudanças contextuais.

Para terminar, queria dizer o seguinte: não se esqueçam de que ao longo da vida, isto vai continuar a existir. Portugal vai continuar a estar inserido numa Europa e no mesmo planeta Terra. Existem estruturas que criam leis que são determinantes para eu poder potenciar a minha profissão. Não é por acaso que existem imensos treinadores por toda a parte do mundo.

Trouxe algo aqui, para quem tiver curiosidade: os Estados Unidos fazem aqui propaganda ao que é ser treinador. A média anual do que ganha um treinador nos EUA são 28000 dólares, portanto, dividindo por 12 meses, dá mais ou menos 2000 euros por mês. Indica que existem cerca de 240000 lugares para se preencher, e etc. (dados consultados no dia 17 de novembro em <http://www.bls.gov/ooh/entertainment-and-sports/coaches-and-scouts.htm>). Acho que isto é que é o futuro: dada a capacidade que o treinador tem de se adaptar às situações, as necessidades emergentes vão fazer com que a profissão se vá tornando cada vez mais importante.

Concluindo, as principais ideias que deixo aqui da minha conferência são as seguintes:

Ter em atenção as leis que nos enquadram.

Perceber que agora somos nós que decidimos qual é o nosso percurso: se quero ir para o ensino superior para ser treinador ou se quero ir para as federações para ser treinador. Essa decisão passou a ser do treinador. Ou posso optar por ambas, fazer o curso de treinador e depois ir para a instituição de ensino superior, ou posso estar na instituição de ensino superior e fazer depois o grau seguinte, a situação mista.

O facto de haver mais contextos em que posso intervir ou a possibilidade de criar o meu próprio contexto. Ser empreendedor enquanto treinador.

Depois, acredito que, face à capacidade que o treinador tem de se adaptar, de sobreviver, ele vai ser cada vez mais importante. Dou-vos um exemplo de algo que espero que não aconteça. Seria bom para os treinadores, mas seria mau para outras profissões. Quanto mais dificuldades a escola pública tiver para conseguir oferecer educação física, mais os treinadores vão crescendo no sistema desportivo, pois serão necessários para compensar o que infelizmente a educação física não consegue fazer. Isto tem acontecido cada vez mais em algumas regiões. É mau para os professores de Educação Física, mas significa mais espaço para os treinadores.